



## A morte de um músico<sup>1</sup>

I. L. Peretz\*

Jazia no leito um esqueleto. Um esqueleto recoberto de uma pele macilenta, fina e seca. Mihal, o músico, agonizava. Perto da cama, Mira, sua esposa, sentada sobre uma canastra, tinha os olhos congestionados de tanto chorar. Seus oito filhos estavam espalhados pelo diminuto casebre. Eram todos músicos. Estavam todos calados. Ninguém conversava. De há muito que o médico perdera toda esperança e o curandeiro também. Até mesmo Rubem, do asilo dos pobres, considerado um verdadeiro especialista, já ordenara que se escrevessem os três ppp: perdido, perdido, perdido... Não haveria herança. A irmandade funerária ofereceria a mortalha e o túmulo. A irmandade dos carregadores de defuntos ofereceria um gole de aguardente. Tudo estava bastante claro e discriminado. Não havia mais do que falar. Só Mira é que não queria se conformar!...

Depois de tudo resolvido, Mira ainda surgiu, aos berros, na sinagoga. Acabava de voltar do cemitério, onde fora dar as medidas para a sepultura. Mas continuava sustentando: “Ele morrerá por causa dos pecados dos filhos. Seus filhos são ímpios e devassos. Por isso Deus (bendito seja!) tira-lhes o pai” ... “A orquestra perde a sua coroa. Nenhum casamento terá mais graça. Nenhum judeu dará mais uma autêntica festa”.

A compaixão divina é grande. O que é preciso é clamar, suplicar, despertá-la! E os filhos, os jovens músicos não tinham piedade, nem trajavam as roupas rituais... Não fossem os grandes pecados dos filhos, o tio de Mira, um *schohet*, que estava no céu, onde era maioral, por certo não lhe recusaria as súplicas! Em vida, abençoada seja a sua memória, o tio costumava acariciá-la... Agora não lhe quereria mal, por certo... Haveria de se empenhar, fazer tudo quanto estivesse ao seu alcance... Mas os pecados! gritava Mira. Os pecados... Os rapazes tocam em bailes gentios, comem pão com manteiga e outras coisas mais, sabe Deus o quê!... E sem trajes rituais!... O tio não podia fazer o impossível, sem dúvida! Certamente ele fazia o que estava ao seu alcance... “Oh! Os pecados! Os pecados!”

---

<sup>1</sup> A *Arquivo Maaravi* agradece, de forma muito especial, à Editora Perspectiva pela generosidade de permitir a publicação deste conto que, no Brasil, saiu, em *Contos de I. L. Peretz*, em 1966, com tradução de Jacó Guinsburg.

\* I. L. Peretz (Icchok Lejbusz Perc) nasceu em Zamosc, Polônia, a 8 de maio de 1852, e faleceu em 3 de abril de 1915, em Varsóvia, Polônia.



Os filhos não respondiam. Permaneciam cabisbaixos, cada qual em seu canto.

– Ainda está em tempo! – soluçava Mira. – Filhos, filhos, por Deus penitenciem-se!

– Mira, Mira, deixa estar! – interveio o enfermo. – Mira, está tudo perdido! Minha partitura, eu já toquei! Fica quieta, Mira, quero morrer!

Mira inflamou-se:

– Vai pro diabo!... Ele quer morrer, morrer! E eu, e eu?... Não permitirei que morras. Tens de viver... Tens... Gritarei tanto, que impedirei a despedida de tua alma.

Parece que no coração de Mira se reabriu uma velha ferida, não cicatrizada.

– Deixa-me em paz, Mira! – rogou o moribundo. – Bastam os insultos que trocamos em vida... Chega... Às vésperas da morte isso não fica bem... Ai, Mirel, eu pequei, tu pecaste... Mas acabemos com isso! É melhor que te cales! Sinto a todo momento o calafrio da morte que me percorre da ponta dos pés ao coração. Sinto que vou morrendo palmo a palmo... Não grites, Mirel... É melhor que não grites!...

– Queres livrar-te de mim? – interrompeu Mira. – Ai! Sempre quiseste te ver livre de mim! – começou Mirel a chorar com amargura. – Sempre! Sempre tiveste no coração a morena Pessi... Sempre disseste que desejavas morrer... Ai de minha vida... Nem agora queres te penitenciar... Nem agora... Agora...

– Não era apenas a morena Pessi... – sorriu amargamente o doente. – Eram muitas morenas, muitas Pessies... Morenas, brancas, loiras também... Mas de ti, Mirel, jamais quis me livrar... Uma rapariga é uma rapariga... Faz parte da vida de um músico... Puxa e fascina... Mas uma esposa é uma esposa! São duas coisas completamente diferentes... Não te esqueças de que, quando a morena Pessi falou mal de ti, eu a esbofetei em plena rua...

– Cala-te, Mirel! Esposa é sempre esposa! Mesmo que a gente se divorcie, ainda dói o coração... Acredita, Mirel, que sentirei saudades de ti... E de vocês também, meus filhos... Fizeram-me passar por maus pedaços. Mas não foi nada! Isso faz parte do violino... E da partitura musical... Sei que vocês não me honraram, mas em todo caso me amaram. Se às vezes eu tomava um gole de aguardente a mais, resmungavam: “Bêbado!”... Não se procede assim com um pai... Não se deve... Mas, o que fazer? Também tive um pai e não o tratei melhor... Mas, acabemos com isso... Eu os perdoo...

Ele cansou-se de falar.

– Perdoo-os! – reiniciou, após alguns minutos de silêncio.

Erguendo-se um pouco no leito, contemplou os presentes...



– Vejam só! – exclamou repentinamente. – Esses bois! Enterraram os olhos no chão, como se não soubessem contar até dois!

– Hein? Seja como for, a morte de um pai sempre causa pena. Mesmo que seja um bêbado, hein?

O filho mais novo levantou os olhos. No mesmo instante, suas pálpebras tremeram e ele se desfez em pranto. Os outros irmãos acompanharam-no. Pouco

depois os quatro cantos do casebre encheram-se de soluços...

O enfermo olhava e divertia-se.

– Bem – disse ele de repente, criando forças – chega! Receio que tenham demasiada pena de mim! Chega, meus filhos. Obedeçam ao pai!

– Perverso! – gritou Mira. – Perverso! Deixa-os chorar. Suas lágrimas podem servir, Senhor do Universo!

– Cala-te, Mirel! – interrompeu o enfermo. – Já disse que toquei a minha partitura... Chega!... Haim... Berel... e Ioine... Todos vocês! Ouçam! Depressa, tomem os instrumentos!

Todos enxugaram os olhos.

– Eu ordeno! – disse o moribundo. – Rogo-lhes! Façam-me a vontade. Apanhem os instrumentos e aproximem-se de minha cama!

Os filhos obedeceram, dispondo-se em torno do leito. Três violinos, uma clarineta, um violoncelo, uma trombeta...

– Quero ouvir como a orquestra há de tocar sem mim... – disse o doente.

– Mirel, meu bem. Enquanto isso, vai, por favor, chamar o nosso vizinho.

O vizinho era o bedel da irmandade dos carregadores de defuntos. De início, Mira não quis aceder. Mas o enfermo fitou-a com olhos tão súplices, que ela se deu por vencida.

Tempos depois ela contou que aquela palavra “Mirel, meu bem” e o olhar do moribundo pareceram-lhe (perdoe-lhe Deus a comparação) idênticas às palavras e ao olhar que Mihal lhe dirigira no dia do casamento...

– Ainda se lembram, meus filhos, daquela voz tão suave e daqueles olhos?

Entretanto, o bedel lançou um olhar para o enfermo e disse:

– Sinto muito, Mirel. Mas podes convocar um *minian*.



— Não é preciso – interveio o moribundo. – De que me serve um *minian*? Tenho o meu quórum. E a minha orquestra! Não vás, Mirel. Não preciso de *minian*.

E voltando-se para os filhos, o músico lhes disse:

— Ouçam, meus filhos... Toquem sem mim, assim como tocavam comigo. Toquem bem... Não façam orgias nos casamentos dos pobres... Honrem sua mãe. E agora toquem para a minha contrição... Nosso vizinho recitará a prece...

E o retângulo do casebre inundou-se de música.

-----

### **Referência**

PERETZ, I. L. A morte de um músico. In: \_\_\_\_\_. *Contos de I. L. Peretz*. Trad. Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1966. p. 323-326.